

**PRESENÇA DO INSÓLITO NO ROMANCE MODERNO: O
FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO EM *CEM ANOS DE SOLIDÃO* E
*MACUNAÍMA***

*PRESENCE OF THE UNUSUAL IN MODERN NOVEL: THE
FANTASTIC AND THE WONDERFUL IN ONE HUNDRED YEARS OF
SOLITUDE AND MACUNAÍMA*

Lucas Rosa DA SILVA¹, Rafael Rodrigues FEITOSA², Maria Rita Fernandes FREIRE³

RESUMO: A capacidade de criação de uma narrativa ultrapassa os limites da realidade. As produções literárias do século XX internalizaram muitas mudanças no escopo artístico e sua forma de manifestação e abordagem. Este trabalho tem como objetivo destacar os elementos que caracterizam o insólito em *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, tendo como base teórico-metodológica, principalmente, os discursos de Todorov (1994), Chelebourg (2006), Bozzetto (2001) e Rodrigues (1988). Buscamos contextualizar a influência direta da vanguarda europeia surrealista nas produções supracitadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cem anos de solidão; Macunaíma; fantástico; realismo mágico.

ABSTRACT: The ability to create a narrative goes beyond the limits of reality. The literary Productions of the 20th century internalized many changes in the artistic scope and its form of manifestation and approach. This work aims to highlight the elements that characterize the unusual in *One Hundred Years of Solitude*, by Gabriel García Márquez, and *Macunaíma*, by Mário de Andrade, based mainly on the discourses of Todorov (1994), Chelebourg (2006), Bozzetto (2001) and Rodrigues (1988). We seek to contextualize the direct influence of the surrealist avant-garde in the aforementioned productions.

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras, Paraíba, Brasil. E-mail: lucas03062003@gmail.com

² Graduando em Letras – Português/Inglês, Universidade Estadual de Goiás, Posse, Goiás, Brasil. E-mail: rafaellrodrigues@gmail.com

³ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras, Paraíba, Brasil. E-mail: mritaffreire@gmail.com

KEYWORDS: One Hundred Years of Solitude; Macunaíma; fantastic; magic realism.

1 Introdução

A literatura é uma poderosa forma de expressão artística que transcende os limites da realidade cotidiana, explorando diferentes perspectivas e possibilidades. Ao longo dos séculos, diversos movimentos literários têm emergido, desafiando as convenções narrativas e estéticas e ampliando os horizontes da imaginação. Nesse contexto, o realismo mágico desponta como um dos movimentos mais fascinantes, combinando elementos da realidade com elementos fantásticos de forma harmoniosa e intrigante.

Neste estudo comparativo, iremos investigar as semelhanças e diferenças entre *Cem anos de solidão* e *Macunaíma* no que diz respeito à utilização do realismo mágico. Analisaremos como os autores empregaram elementos fantásticos para expressar questões sociais, políticas e culturais de suas próprias sociedades, bem como examinaremos os efeitos dessas abordagens na experiência de leitura.

Ao comparar essas duas obras, pretendemos analisar como o realismo mágico contribui para a construção de narrativas que transcendem a realidade objetiva, inserindo elementos fantásticos em contextos aparentemente plausíveis. Ambos os escritores utilizam essa técnica para explorar temas diversos, como amor, solidão, identidade, poder e transformação, mergulhando o leitor em um mundo que oscila entre o real e o imaginário.

Este artigo tem como objetivo explorar o fenômeno do realismo mágico, analisando sua presença e símbolo nas obras *Cem anos de solidão*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, e *Macunaíma*, do brasileiro Mário de Andrade. Essas duas obras-primas da literatura latino-americana são conhecidas por sua abordagem inovadora, que transcende as fronteiras do realismo convencional, inserindo elementos mágicos em contextos aparentemente realistas.

2 Fundamentação teórica

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postulados por Almeida (2007), Andrade (2017), Borges e Santos (2018), Bosi (2021), Bozzetto (2001), Carpeaux (2012), Carpentier (2023), Chelebourg (2006), Chiampi (1980), entre outros.

Além das seções introdutória e teórica, este artigo está dividido em três unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos sobre o insólito e apontamos algumas considerações sobre o fantástico e maravilhoso. Logo após, abordamos sobre o realismo mágico presente na obra de *Macunaíma*, do escritor Mário de Andrade.

Na terceira unidade, consideremos o corpus de análise do livro *Cem anos de solidão*, do escritor Gabriel García Márquez para discussão e apontamentos sobre o realismo mágico. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizado e as referências usadas nesta investigação.

3 O insólito: algumas considerações sobre o fantástico e o maravilhoso

A discussão sobre o fantástico e o maravilhoso na literatura é um tema recorrente na teoria literária e suscita diversas considerações teóricas. Esses dois elementos são frequentemente utilizados pelos escritores para criar narrativas que exploram o irreal, o extraordinário e o desconhecido. No entanto, suas abordagens e significados podem variar de acordo com diferentes correntes teóricas e contextos literários.

Para Barine, “Nosso século foi favorável à literatura fantástica” (1908, *apud* Rodrigues, 1988, p. 17), já que há, por parte do escritor da época, uma nova fonte de inspiração. Apesar do escritor fazer menção ao século XIX, podemos considerar o mesmo no século seguinte, levando, assim, os escritores a escreverem sobre os “mundos ignorados”, que são justamente os mais diferentes universos que a imaginação alcança. O termo “fantástico” geralmente se refere a uma forma de narrativa que introduz elementos sobrenaturais ou inexplicáveis em um mundo que, em geral, é retratado como semelhante ao nosso. “Os efeitos de fantástico provêm daquilo que fora exposto como proposição mínima” (Bozzetto, 2001, p. 47), e gera no leitor “uma sensação de falta ou de excesso, que gera um

mal-estar, terror ou horror, por intermédio de uma infração, uma subversão dos códigos culturais, ao mesmo tempo em que proporciona um obscuro prazer”. Para Chareyre-Méjan, “a descrição do objeto do medo é a cruz do fantástico” (1996, p. 46), o que corrobora com a afirmação de Bozzetto.

O escritor russo Tzvetan Todorov foi um dos principais teóricos a abordar o fantástico. Segundo ele, o fantástico se caracteriza pela ambiguidade, pela hesitação do leitor em decidir se os eventos sobrenaturais têm uma explicação racional ou não. Essa incerteza cria uma tensão que gera o efeito de estranhamento e provoca reflexões sobre os limites da realidade.

O fantástico se apoia essencialmente em uma vacilação do leitor — de um leitor que se identifica com o personagem principal — referida à natureza de um acontecimento estranho. Esta vacilação pode resolver já seja admitindo que o acontecimento pertence à realidade, já seja decidindo que este é produto da imaginação ou o resultado de uma ilusão; em outras palavras, pode-se decidir que o acontecimento é ou não é. Por outra parte, o fantástico exige um certo tipo de leitura, sem o qual se corre o perigo de cair na alegoria ou na poesia (Todorov, 1994, p. 82).

Por outro lado, o termo “maravilhoso” também se refere a elementos sobrenaturais ou extraordinários presentes na narrativa, mas de uma maneira mais explícita e aceita no universo ficcional. O maravilhoso muitas vezes está associado a contos de fadas e mitos, em que criaturas mágicas, acontecimentos extraordinários e cenários fantásticos são considerados parte integrante da própria realidade da história. O escritor francês Jean-Marie Schaeffer explorou essa distinção em sua teoria do maravilhoso literário, em que enfatiza a aceitação e a normalidade desses elementos dentro do contexto narrativo.

Ambos os conceitos, o fantástico e o maravilhoso, desafiam as noções tradicionais de realidade e possibilitam aos escritores explorar temas como a natureza da existência, os limites do conhecimento e as fronteiras entre o racional e o irracional. Eles permitem a criação de mundos imaginários que refletem as inquietações e aspirações humanas, além de estimular a imaginação e a criatividade dos leitores.

A separação entre maravilhoso e fantástico é mais da ordem da doxa do que de poética propriamente dita. Esta exige, de fato, uma perspectiva sintética, até mesmo panorâmica. Ela implica trazer o fantástico, juntamente com o maravilhoso, para a categoria genérica das literaturas do sobrenatural. Não se trata, contudo, de ignorar a sua especificidade, mas apenas de reintegrá-la em um quadro mais geral que é o das ficções que exigem uma petição de crença (Chelebourg, 2006, p. 35).

No entanto, a definição e a interpretação do fantástico e do maravilhoso na literatura podem variar entre os estudiosos. Alguns teóricos enfatizam as características formais das narrativas, enquanto outros se concentram nas implicações filosóficas e simbólicas desses elementos. Além disso, o contexto cultural e histórico também influencia a percepção e o significado atribuído a esses conceitos, pois

[...] a subversão como categoria própria à literatura a torna necessariamente insólita, ou seja, ela desarruma o que é normal, desloca o habitual e o normal, subvertendo essa ordem das coisas. A literatura insólita (fantástico, maravilhoso, realismo-maravilhoso, absurdo, estranho etc.) o é duplamente: por ser literatura e porque o insólito emerge em correlação com a realidade exterior ao texto, aquela vivida pelos seres reais, os leitores, pois há eventos narrativos que não soem acontecer no cotidiano (Almeida, 2007, p. 12).

Em suma, a discussão sobre o fantástico e o maravilhoso na literatura é ampla e complexa. Ela envolve questões de definição, interpretação e função desses elementos na narrativa, bem como suas relações com a realidade, a imaginação e a experiência humana. Essa discussão enriquece a compreensão da literatura como uma forma de expressão artística que transcende os limites do cotidiano e nos convida a explorar novos horizontes imaginativos.

4 *Macunaíma*: metamorfoses e ações

O realismo mágico é caracterizado pela combinação de elementos realistas com elementos fantásticos ou sobrenaturais em uma narrativa. Em *Macunaíma*, esse estilo é evidente na forma como o autor mescla situações e personagens reais do Brasil com elementos folclóricos e mitológicos. O protagonista Macunaíma, por exemplo, nasce na selva como um herói mitológico, adquire poderes mágicos

e passa por diversas transformações ao longo da história. Esses elementos fantásticos coexistem com descrições realistas da vida urbana e rural brasileira, criando uma atmosfera única e peculiar.

Uma das funções do realismo mágico em *Macunaíma* é a crítica social e cultural. Mário de Andrade utiliza elementos fantásticos para explorar questões como a identidade nacional, a miscigenação racial e a relação entre a cultura popular e a cultura erudita. Impossível tratar da caracterização do país sem pensar que Macunaíma é realmente o Brasil. Ao retratar o protagonista como um anti-herói preguiçoso e oportunista, que representa a figura do "herói sem nenhum caráter", o autor critica a falta de valores morais e a corrupção presentes na sociedade brasileira da época. Através do realismo mágico, Mário de Andrade constrói uma narrativa que desafia as convenções literárias tradicionais e provoca reflexões sobre a realidade brasileira. Em *Macunaíma*,

[...] como no pensamento selvagem, tudo vira tudo. O ventre da mãe-índia vira cerro macio; Ci Mãe do Mato, companheira do herói, vira Beta do Centauro; o filho de ambos vira planta de guaraná; a boiuna Capei vira Lua. Há transformações cômicas, nascidas da agressividade do instinto contra a técnica: Macunaíma transforma um inglês da cidade no London Bank e toda São Paulo em um imenso bicho-preguiça de pedra (Bosi, 2021, p. 377).

Outro aspecto importante do realismo mágico em *Macunaíma* é a valorização da cultura popular e da oralidade. Mário de Andrade incorpora elementos do folclore brasileiro, como lendas indígenas e histórias do imaginário popular, dentro da trama do livro. Esses elementos conferem uma dimensão mítica e simbólica à narrativa, enriquecendo a representação da cultura brasileira. Além disso, a linguagem utilizada pelo autor também reflete essa valorização da oralidade, com a incorporação de expressões populares, sotaques regionais e neologismos. Essa mistura de registros linguísticos contribui para a criação de um ambiente autêntico e rico em detalhes, o que era uma característica do estilo que ascendia. Para Carpeaux (2012), os modernistas brasileiros tinham, entre suas tarefas, de criar uma arte realmente nacional, e “empregar para tanto os recursos das vanguardas europeias [...]” (p. 149).

A história é composta por uma série de episódios desconexos, que muitas vezes não seguem uma ordem cronológica lógica. Essa abordagem fragmentada e não linear cria um efeito onírico, aproximando a narrativa de um sonho ou de uma jornada mítica. Essa estrutura caótica e não convencional contribui para a atmosfera de realismo mágico do livro, desafiando as expectativas do leitor e questionando as convenções, tal como se vê:

Então pegou na gamela cheia de caldo envenenado de aipim e jogou a lavagem no piá. Macunaíma fastou sarapantado mas só conseguiu livrar a cabeça, todo o resto do corpo se molhou. O herói deu um espirro e botou corpo. Foi desempenando crescendo fortificando e ficou do tamanho dum homem taludo. Porém a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda e com carinha enjoada de piá (Andrade, 2017, p. 18).

Essa passagem apresenta elementos do fantástico, pois desafia as leis naturais e realistas. A transformação de Macunaíma, que cresce e se fortifica de forma anormal após o contato com o caldo, é um evento sobrenatural e irreal. Ele passa por um processo de crescimento e fortalecimento, adquirindo o tamanho de um homem forte e robusto. No entanto, a cabeça, que não foi molhada, mantém sua característica de "rombuda" e uma expressão facial infantilizada. A partir daí, podemos estabelecer uma relação entre a personagem do romance de Mário de Andrade e o Brasil, que possui grandes dimensões, mas que preserva em seu íntimo o caráter primitivo de uma sociedade ainda influenciada pelos moldes estabelecidos pelo colonizador europeu. Massaud Moisés aponta para o distanciamento entre o maravilhoso europeu e o que foi adotado na literatura latino-americana:

[...] se trata não do maravilhoso helênico ou cristão das epopeias tradicionais, mas do ameríndio e negro, puxado ao absurdo surrealista: o maravilhoso ludicamente concebido, e praticado por mentes ingênuas, peculiar às lendas e credices disseminadas pelas principais etnias que constituem o brasileiro [...] (Moisés, 2019, p. 65).

Esses elementos fantásticos presentes na obra de Mário de Andrade refletem a busca por uma narrativa que vai além da realidade objetiva e explora a imaginação, a mitologia e as lendas brasileiras. Levando em consideração todos os

MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 22, n. 01, p. 310-327 316

acontecimentos que evocam o surreal, presentes em diversas partes de *Macunaíma*, desde o nascimento e a mudança física de aspecto do protagonista, até a sua jornada pela floresta, por São Paulo e por diversas outras partes do Brasil, em que coisas extraordinárias ocorrem a ele, não é de se surpreender o modo como o seu desfecho é descrito:

Então Pauí-Pódole teve dó de Macunaíma. Fez uma feitiçaria. Agarrou três pauzinhos jogou pro alto fez em encruzilhada e virou Macunaíma com todo o estenderete dele, galo galinha gaiola revolver relógio, numa constelação nova. É a constelação de Ursa Maior.

Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da Ursa Maior que ela é o Saci... Não é não! Saci inda para neste mundo espalhando fogueira e trançando crina de bagual... A Ursa Maior é Macunaíma (Andrade, 2017, p. 180).

É possível observar, no excerto acima, a presença de vários componentes peculiares na construção final do personagem principal. Dentre eles, podemos destacar a evocação do sobrenatural através da magia realizada para transformar Macunaíma e alguns animais e objetos, os quais foram importantes para ele em determinados momentos da narrativa, em várias estrelas que formam a constelação conhecida como Ursa Maior. Apesar disso, a junção de cada um desses elementos seria insuficiente para a sua efetivação, haja vista que ela é composta por sete estrelas, e não apenas seis (que seria a soma do herói com os seus pertences). Apesar disso, no intuito de fornecer uma explicação plausível para isso, o autor usa a figura do Saci, importante ser fantástico do folclore nacional, que, se caracterizando pela falta de uma perna, explicaria tal ausência, ao ser ele mesmo a própria constelação.

Mesmo assim, Andrade é insistente, ao afirmar que a Ursa Maior é mesmo Macunaíma, ao passo que o Saci continua fazendo suas peraltagens pelo mundo. O que explicaria, nesse caso, tal convicção, é o fato de o próprio protagonista ter perdido uma perna anteriormente no enredo, ao sofrer um ataque de piranhas, quando fora atraído às águas pela Uiara, outro ser folclórico. Desse modo, diante de tais reflexões, é possível constatar que o elemento fantasioso permeia toda a obra de Mário de Andrade, de modo que ele se baseia em diversos elementos do imaginário brasileiro na sua composição literária.

5 *Cem anos de solidão*: García Márquez e o realismo mágico

As aparições que melhor sustentam o início da literatura como forma de interação direta entre o real e o ficcional datam do século XX, com a ascensão da literatura hispano-americana, que se propunha a superar a crise romanesca na literatura ocidental, reerguendo uma literatura complexa, com várias camadas de narrativas realistas, mas despertando a utopia que emerge no subconsciente do autor, refratando-a para a obra. O termo “realismo mágico” foi utilizado pela primeira vez pelo historiador Franz Roh. Do ponto de vista artístico, a ideia era “atingir uma significação universal exemplar, não a partir de um processo de generalização e abstração, como fizera o expressionismo de anteguerra, mas pelo reverso: representar as coisas concretas e palpáveis, para tornar visível o mistério que ocultam” (Chiampi, 1980, p. 21).

Nesse sentido, esse novo modo de fazer literatura denominou-se “realismo mágico”, que, segundo o escritor venezuelano Arthur Pietri ([s. d.], p. 275), “Não era um jogo da imaginação, mas um realismo que refletia fielmente uma realidade até então invisível, contraditória e rica em peculiaridades e deformações, que a tornavam inusitada e surpreendente para as categorias da literatura tradicional”.

A esse respeito, depreendemos que esse conceito proposto por Pietri ([s. d.]) encara a literatura com uma maior percepção de um cotidiano e de uma sociedade pautada por elementos particulares daqueles que tinham presença na Europa. Dessa forma, diante dessas percepções, as narrativas hispano-americanas passam a pertencer a uma desvinculação de modelos estrangeiros impostos, que, erroneamente, apenas associam o “mágico” como algo restrito à imaginação.

Desse modo, acerca daquilo que Pietri pontua, é possível dizermos que o realismo mágico anseia uma determinada afirmação, buscando, assim, uma literatura que remetesse à realidade, contudo aspirando a quebra da repetição de moldes já estabelecidos por outros autores europeus, oferecendo um começo excepcional para a abertura de uma nova discussão acerca de como se concretiza uma transição brusca de uma narrativa estético-política já instaurada.

Sobre esse viés, o real significado dessa concepção pelo venezuelano é pautado sob um importante princípio fomentado no século XX, aquele que

instaura a liberdade de imaginação e da fantasia e o aparecimento de ocorrências extraordinárias, assim como percebemos no decorrer de narrativas sobrenaturais ou fantásticas. Dessarte, no realismo mágico adotamos um certo ponto de magia dentro de uma realidade social cotidiana, tentando valorizar o estado “real” com as singularidades fictícias presentes na narrativa.

Para tanto, o realismo mágico é uma característica distintiva das obras literárias do autor colombiano Gabriel García Márquez, sendo conhecido por sua capacidade de mesclar elementos realistas e fantásticos de uma maneira única, criando um universo onde o sobrenatural coexiste com o cotidiano.

Gabriel García Márquez nasceu em 6 de março de 1927, foi um renomado escritor colombiano e um dos principais expoentes do realismo mágico na literatura. Sua infância foi influenciada pela cultura e pelas histórias da região. Apesar de ter estudado direito, sua verdadeira paixão sempre foi a escrita. Sua obra-prima, *Cem anos de solidão*, publicada em 1967, lhe rendeu fama internacional e consagrou-o como um dos grandes escritores do século XX.

Ademais, Márquez recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1982, sendo reconhecido por sua prosa poética, sua imaginação extraordinária e sua habilidade de retratar a realidade latino-americana com uma mistura única de realismo e fantasia, com sua obra literária deixando um legado duradouro e inspirando gerações de escritores ao redor do mundo. Nesse âmbito, para Borges e Santos (2018, p. 25):

A obra de Gabriel García Márquez nos possibilita ver concretamente um desdobramento da afirmação da literatura latino-americana, como apontado de duas formas distintas pelos dois conceitos. Os conceitos abarcam a natureza, as culturas populares, as datas e os nomes que fazem parte da história e do imaginário de vários povos, a mistura de etnias de várias partes do mundo, a novidade brotada daquilo que compõe o cotidiano.

Nesse sentido, os teóricos propõem que o realismo mágico é uma característica essencial da obra de Márquez, com uma intensa fusão de elementos realistas e fantásticos, uma marca distintiva de sua escrita, tornando-o um dos grandes expoentes desse estilo literário. Insinuam, também, que o cotidiano é complexo e heterogêneo, pautado em multifacetadas da realidade, como foi

supracitado “as culturas populares, as datas e os nomes que fazem parte da história e do imaginário de vários povos” (Borges; Santos, 2018, p. 25).

Sob esse quadro, para melhor elucidar como o realismo mágico está presente na obra do escritor colombiano, essa parte da pesquisa teve como *corpus* de análise a sua obra *Cem anos de solidão*, buscando fazer a demonstração de como a prosa exuberante e poética de Márquez cria um ambiente onírico e envolvente, onde o leitor é levado a questionar as fronteiras entre o real e o imaginário.

Para tanto, *Cem anos de solidão* (1967) é considerado um marco do realismo mágico. Nessa obra, o colombiano retrata a história da família Buendía ao longo de várias gerações, em um lugar fictício chamado Macondo. O romance apresenta eventos extraordinários e personagens com habilidades sobrenaturais, como a capacidade de prever o futuro ou de levitar. No entanto, esses elementos fantásticos são retratados de forma natural e aceita pelos personagens e pela narrativa, sem questionamentos.

A esse respeito, Borges e Santos (2018, p. 25) definem que “na narrativa de *Cem anos de solidão*, tanto a descendência dos Buendía quanto seus feitos ao longo do tempo marcam a realidade como algo monótono que, contraditoriamente, se faz sempre inesperada e insólita, carregada de novidades.” Temos, dessa maneira, um nítido exemplo do realismo mágico, na qual uma realidade tida como normal para os personagens, é, na verdade, repleta de fantasia.

Desse modo, em um primeiro plano da narrativa, percebemos a presença de alguns personagens que podem ser interpretados diante da perspectiva supracitada de Borges e Santos, na qual enfatizavam as interrelações de heterogeneidade de culturas e histórias, apresentadas no contexto de produção da América Latina. Assim, nas personalidades apresentadas durante o romance e nas realidades que eles presenciam, vemos uma concretização da realidade latino-americana, como exemplo, “as repetidas chegadas dos ciganos em Macondo, sempre trazendo novidades insólitas para a pequena cidade.” (Borges; Santos, 2018, p. 24), como podemos perceber no trecho abaixo:

Todos os anos, lá pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava sua tenda perto da aldeia e com um grande alvoroço de apitos e tímbalos mostrava as novas invenções. Primeiro levaram o ímã. Um cigano

corpulento, de barba indomada e mãos de pardal, que se apresentou com o nome de Melquíades, fez uma truculenta demonstração pública do que ele mesmo chamava de oitava maravilha dos sábios alquimistas da Macedônia (Márquez, 2021, p. 9).

Para tanto, o personagem de Melquíades apresenta aos habitantes da cidade de Macondo coisas genéricas e, certamente, indistintas para muitos outros estrangeiros, porém provocam a imaginação de José Arcádio Buendía para explorar distintas percepções de mundo, além de outras descobertas da realidade. Desse modo, “um ímã gigante, uma luneta, uma lupa, uma pedra de gelo são objetos que representam a novidade, o insólito, e despertam todos os pensamentos e criações imaginativas possíveis nos moradores de Macondo” (Borges; Santos, 2018, p. 24).

Outrossim, além desse episódio supramencionado, temos toda a formação da família dos Buendía, cuja forma como se concretiza a união matrimonial entre Úrsula Iguarán, descendente dos aragoneses, e José Arcádio Buendía, que provém de uma família de imigrantes espanhóis, dá ênfase à inesperada união entre os antepassados, como inferimos do trecho abaixo:

Por isso, cada vez que Úrsula saía dos eixos com as loucuras do marido, saltava por cima de trezentos anos de coincidências e amaldiçoava a hora em que Francis Drake assaltou Riohacha. Era um simples recurso de desabafo, porque na verdade estavam ligados até a morte por um vínculo mais sólido que o amor: um remorso comum de consciência. Eram primos. Tinham crescido juntos na antiga aldeia que os antepassados de ambos transformaram com seu trabalho e seus bons costumes num dos melhores povoados da província. Embora seu matrimônio fosse previsível desde que vieram ao mundo, quando expressaram a vontade de casar-se seus próprios parentes trataram de impedir. Tinham o temor de que aqueles saudáveis expoentes de duas raças secularmente entrecruzadas passassem pela vergonha de engendrar iguanas (Márquez, 2021, p. 28).

A partir desse excerto, é possível depreender o contexto histórico que marcou o encontro da família de ambos, definido pela invasão do Riohacha pela família de Úrsula, além de toda uma utopia que se faz presente na fundação da história da família Buendía, criando, dessa forma, vários moldes de vida que se

tornam invictas ao passar das décadas, “metaforizando” a realidade vivida por muitos da América Latina, que assume, de forma única, o cotidiano desse povo.

Outras características do realismo mágico pontuais na obra merecem ser explanadas, como as borboletas amarelas que aparecem como um elemento recorrente que representa a transformação, a efemeridade e a ligação entre o mundo natural e o sobrenatural. Assim, as borboletas amarelas têm uma conexão especial com o personagem Mauricio Babilônia, que se apaixona por Meme Buendía, uma das filhas da família principal do romance, fato esse que podemos contemplar a partir do seguinte trecho:

Foi quando percebeu de vez as borboletas amarelas que precediam as aparições de Mauricio Babilônia. Tinha visto aquelas borboletas antes, principalmente na oficina mecânica, e achou que estavam fascinadas pelo cheiro da pintura. Alguma vez as tinha visto revoando sobre sua cabeça na penumbra do cinema. Mas, quando Mauricio Babilônia começou a persegui-la como um fantasma que só ela identificava na multidão, compreendeu que as borboletas amarelas tinham alguma coisa a ver com ele. Mauricio Babilônia estava sempre na plateia dos concertos, no cinema, na missa maior dos domingos, e ela não precisava vê-lo para descobri-lo porque as borboletas indicavam onde ele estava (Márquez, 2021, p. 297).

Nesse sentido, a presença das borboletas amarelas ressalta a força do realismo mágico na obra de Gabriel García Márquez, representando a capacidade do autor de criar uma atmosfera onírica, onde elementos fantásticos se mesclam harmoniosamente com a realidade cotidiana. Dessa maneira, a imagem das borboletas é carregada de beleza, encantamento e suavidade, contribuindo para a criação de um elemento visualmente poderoso que transmite a sensação de maravilha e magia na narrativa.

Outro episódio que remete a influência do realismo mágico na obra *corpus* dessa análise é a presença do “trem dos mortos”, desencadeado a partir de uma greve dos trabalhadores sem êxito, sendo assim dizimados pelos militares: “O capitão deu a ordem de fogo, e catorze ninhos de metralhadoras responderam no ato” (Márquez, 2021, p. 315).

Após o ocorrido, o personagem José Arcádio Segundo acorda dentro do “trem dos mortos”, que será descrito conforme o seguinte trecho:

Quando despertou, José Arcádio Segundo estava deitado de costas nas trevas. Percebeu que ia num trem interminável e silencioso, e que estava com os cabelos engomados de sangue seco, e que todos os seus ossos doíam. Sentiu um sono insuportável. Disposto a dormir muitas horas, a salvo do terror e do horror, acomodou-se do lado que doía menos, e só então descobriu que estava deitado sobre os mortos. Não havia espaço livre no vagão, a não ser no corredor central. Deviam ter passado muitas horas depois do massacre, porque os cadáveres tinham a mesma temperatura do gesso no outono e a mesma consistência de espuma petrificada, e quem os havia posto no vagão teve tempo de arrumá-los na mesma ordem e no sentido em que transportavam os cachos de bananas. [...] Era o mais longo que tinha visto na vida, com quase duzentos vagões de carga, e uma locomotiva em cada ponta e uma terceira no meio. Não levava nenhuma luz, nem mesmo as lâmpadas vermelhas e verdes de posicionamento, e deslizava numa velocidade noturna e sigilosa. Em cima dos vagões dava para ver os vultos escuros dos soldados com as metralhadoras engatilhadas (Márquez, 2021, p. 317).

Diante do exposto, podemos afirmar que o trem é descrito como um trem fantasmagórico, que passa por Macondo nas horas mais escuras da noite, transportando os espíritos dos falecidos para seu descanso eterno. Esse elemento sobrenatural representa a fronteira entre a vida e a morte, bem como a presença constante da morte na vida dos personagens. O trem dos mortos é retratado, dessa maneira, como uma entidade sinistra, cujo som é assustador e que evoca uma sensação de melancolia e inquietude.

Outrossim, o episódio da chuva que dura anos na cidade de Macondo, nos traz a impressão de uma chuva incessante, que cai sobre a cidade por um longo período de tempo, e cria um ambiente opressivo, moldando a narrativa de maneiras diversas, de forma que pode ser representada através do seguinte excerto:

Choveu durante quatro anos, onze meses e dois dias. Houve épocas de garoa em que todo mundo vestiu suas roupas de ver o bispo e armou uma cara de convalescente para celebrar a estiagem, mas logo todos se acostumaram a interpretar as pausas como anúncios de recrudescimento. O céu desabava numas tempestades de estropício, e o norte mandava uns furacões que destrambelhavam tetos e derrubavam paredes, e desenterraram pela raiz os últimos pés das plantações (Márquez, 2021, p. 325).

A chuva duradoura é retratada como uma chuva torrencial e interminável que inunda a cidade, causando caos e destruição, mas também lavando os pecados e purificando a terra. Ela simboliza, também, a estagnação e a sensação de prisão dos personagens dentro da cidade, criando uma atmosfera de isolamento, solidão e desesperança. As personagens, assim, se sentem presas, incapazes de escapar da rotina monótona e da repetição de eventos.

Nesse contexto, aliado à chuva que desempenha um papel multifacetado na narrativa, simbolizando tanto a estagnação, a solidão e o declínio, quanto elementos de renovação e purificação, temos a presença do tempo inteiriço abordado no seguinte trecho:

Aureliano Segundo voltou para a casa com seus baús, convencido de que não apenas Úrsula, mas todos os habitantes de Macondo estavam esperando que estiasse para morrer. Ao passar, os tinha visto sentados nas salas com o olhar absorto e os braços cruzados, sentindo transcorrer um tempo inteiro, um tempo sem desbravar, porque era inútil dividi-lo em meses e anos, e os dias em horas, quando não se podia fazer nada mais do que contemplar a chuva (Márquez, 2021, p. 332).

No trecho mencionado, o tempo inteiriço é retratado como uma experiência compartilhada pelos habitantes de Macondo, incluindo Aureliano Segundo. O narrador descreve, desse modo, como as pessoas da cidade, incluindo Úrsula, aguardavam passivamente a chegada da morte, imersas em um tempo indefinido e imutável.

Conseguimos identificar, destarte, como o tempo inteiriço aqui indica uma sensação de estagnação e desesperança, se caracterizando como um tempo que não pode ser dividido em unidades convencionais, como meses, anos ou horas, pois não há perspectiva de mudança ou progresso, tendo a vida suspensa, subjugada à monotonia e à rotina.

Nessa perspectiva, os habitantes de Macondo são retratados como meros espectadores, incapazes de agir além de contemplar a chuva incessante, reforçando a sensação de impotência diante de um destino inalterável, depreendendo, assim, que essa noção de tempo inteiriço está intrinsecamente ligada ao tema da solidão e do desgaste ao longo do romance, sendo característica do realismo mágico de Gabriel García Márquez.

Considerações finais

Em conclusão, este artigo explorou o tema do realismo mágico nas obras *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Ambas as obras são exemplos notáveis da literatura latino-americana e são caracterizadas pelo uso de elementos fantásticos e míticos entrelaçados com o realismo cotidiano.

Ao longo do texto, analisamos como o realismo mágico é empregado em cada romance, revelando-se como uma poderosa ferramenta narrativa para abordar questões sociais, históricas e existenciais. Ambos os autores exploram a ambiguidade entre o real e o imaginário, desafiando as convenções literárias tradicionais e expandindo os limites da realidade.

Em *Cem anos de solidão*, Márquez retrata a história da família Buendía em Macondo, uma cidade fictícia que serve como metáfora da América Latina. O realismo mágico é usado para expressar a natureza cíclica da história, as complexidades das relações humanas e as transformações políticas e sociais. Através de eventos inexplicáveis, personagens que vivem centenas de anos e elementos fantásticos, Márquez explora a condição humana e a solidão inerente à existência.

Por sua vez, *Macunaíma* de Mário de Andrade narra a jornada de um herói preguiçoso e astuto, misturando mitos indígenas e folclore brasileiro com a realidade urbana. O autor utiliza o realismo mágico para explorar as contradições e a identidade do povo brasileiro, incorporando elementos fantásticos para destacar as complexidades da formação cultural e social do país.

Ambas as obras demonstram a riqueza do realismo mágico como um recurso literário que transcende a realidade convencional e nos permite explorar e questionar a complexidade do mundo em que vivemos. Tanto Gabriel García Márquez quanto Mário de Andrade apresentam narrativas envolventes que, através do uso de elementos fantásticos, nos levam a refletir sobre temas universais como amor, poder, mortalidade e identidade.

Em suma, o realismo mágico nas obras *Cem anos de solidão* e *Macunaíma* oferece uma visão única sobre a condição humana e a realidade latino-americana,

desafiando as fronteiras entre o possível e o impossível. Essas obras literárias são verdadeiras manifestações artísticas que nos levam a refletir sobre a natureza do mundo e a riqueza da imaginação humana.

Como citar este artigo?

SILVA, L. R. da; FEITOSA, R. R.; FREIRE, M. R. F. Presença do insólito no romance moderno: o fantástico e o maravilhoso em *Cem anos de solidão* e *Macunaíma*. Mosaico, São José do Rio Preto, v. 22, n. 01, p. 310-327, 2023.

Referências

ALMEIDA, G. F. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: ALMEIDA, G. F. (org.). *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p. 11-22. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/avulsos/livro_insolito.pdf. Acesso em: 13 maio 2023.

ANDRADE, M. *Macunaíma*. Barueri: Novo Século, 2017.

BORGES, E.; SANTOS, B. Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana. *Cadernos Cespuc*, Belo Horizonte, n. 32, p. 20-27, 12 abr. 2018.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 53. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

BOZZETTO, R. *Du fantastique iconique: pour une approche des effets du fantastique en peinture*. Paris: E.C. Éditions, 2001.

CARPEAUX, O. M. *O modernismo por Carpeaux*. Rio de Janeiro: LeYa, 2012. (História da literatura ocidental, v. 9).

CARPENTIER, A. Prólogo. In: *El reino de este mundo*. Disponível em: [http://www.lahaine.org/amauta/b2-img/Carpentier%20\(El%20reino%20de%20este%20mundo\).pdf](http://www.lahaine.org/amauta/b2-img/Carpentier%20(El%20reino%20de%20este%20mundo).pdf). Acesso em: 11 maio 2023.

CHAREYRE-MÉJAN, A. Le fantastique ou le comble du réalisme. In: DUPERRAY, M. (ed.). *Du fantastique en littérature: figures et figurations*. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 1990.

CHELEBOURG, C. *Le surnaturel: poétique et écriture*. Paris: Armand Colin, 2006.

SILVA, L. R. da.; FEITOSA, R. R.; FREIRE, M. R. F.

CHIAMPI, I. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MÁRQUEZ, G. G. *Cem anos de solidão*. 124. ed. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo: Editora Record, 2021.

MOISÉS, M. *História da literatura brasileira: desvairismo e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2019. v. 3.

PIETRI, A. U. Realismo mágico. In: *Biblioteca virtual Miguel de Cervantes*, [s. d.]. p. 273-278. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/nuevo-mundo-mundo-nuevo--0/html/ff6f6ef8-82b1-11df-acc7-002185ce6064_10.html. Acesso em: 07 maio 2023.

RODRIGUES, S. C. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

SCHØLLHAMMER, K. E. As imagens do realismo mágico. *Gragoatá*, Niterói, v. 9, n. 16, p. 117-132, 1. sem. 2004.

SILVA, L. R.; SOUSA, E. B. De I-Juca Pirama a Macunaíma: herói e anti-herói na literatura brasileira. In: SILVA, A. M. M.; FERREIRA, B. P.; OLIVEIRA, F. H. A.; TABOSA, L. M. A.; REGO, M. A. A. (org.). *1922-2022: os 100 anos da Semana de Arte Moderna*. v. 1. São Carlos: Pedro e João, 2022. p. 85-102.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Autêntica, 1994.